

ESCOLES, Clara Hanke. **Sereias do asfalto e suas trajetórias educacionais.** 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2020.

Palavras-Chave: Educação; Aprendizagem; Mulheres transexuais; Prostituição; Resistência; Cartografia

As sereias do asfalto cantam em alguma esquina da cidade a procura de um programa sexual em troca de seu salário. São travestis e mulheres transexuais que lutam para existir em uma sociedade binária, cissexista, machista, elitista, branca, racista, heteronormativa etc. As instituições sociais, como a escola, não dão conta de suas estilísticas de existência e por essa razão, as marginalizam. Essas garotas buscam estratégias de sobrevivência e autonomia na prostituição. Não satisfeita de empurrá-las para a marginalidade, a sociedade ainda abomina suas subjetividades e formas de existir, então, expulsa-as de qualquer lugar que elas possam desejar ocupar, como a escola e a academia. Essas instituições sociais não são capazes de lidar com elas, mas a aprendizagem acontece a partir da existência e desdobra-se em resistência. Assim, o que elas têm para nos contar sobre suas trajetórias escolares e de resistências? Tais dúvidas suscitaram-me durante reuniões do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Diversidade Sexual (NUDISEX), grupo que faço parte na Universidade Estadual de Maringá (UEM). Através da cartografia, esta pesquisa propõe significar a história de duas mulheres transexuais por meio das suas narrativas. Entrevestei acerca de suas vivências escolares, familiares e estratégias de (r)existir. Através dos relatos, saltou-me a percepção delas sobre seus corpos, a relação delas com o espaço escolar e acadêmico, a diferença geracional, a questão da privação de liberdade no sistema prisional. Por fim, a educação ocorre ao longo de seus processos de resistência.